

Os (de)graus que não queremos subir (1)

Miguel Setas (2)

Um ambiente de pessimismo climático tem-se espalhado ao longo dos últimos anos, com relatórios de cenários catastróficos antes do fim do século. Parece que temos estado lentamente a subir uma escada combinada de graus deviam ser NDC (contributos nacionais) ambiciosos, mas que, na verdade, são (de) graus Celsius que podem ultrapassar os 2 ° C no final do século, se nada for feito. Temos de reconstruir este caminho e a última oportunidade aparente para o sucesso está na COP26.

O 12° do Programa das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas (IPCC) alcançadas que estamos longe do objetivo de manter o aumento da temperatura média global abaixo dos 1,5 ° C para 2030, quando esta era a promessa do Acordo de Paris em 2015. A Cimeira do G20 ficou aquém das expectativas, já que o balanço final não contemplou compromissos concretos por parte dos países que representam 80% do Produto Interno Bruto (PIB) do mundo e 80% das emissões de gases com efeito estufa. Espera-se que a COP26 tenha uma capacidade de absorver esta pressão e consiga, com sucesso, que todas as partes envolvidas se alinhem para cumprir a promessa.

Um dos grandes desafios desta cimeira é que se consiga trabalhar em conjunto para finalizar o livro de regras de Paris, sobretudo o artigo 6°, no qual ficará regulada a forma como os países voluntariamente cooperar entre si para reduzir a forma mais econômica. Para tal, é necessária a criação de um sistema robusto de créditos de carbono que apoie a mudança para o net-zero e chegar a acordo sobre a utilização de instrumentos de mercado que mantenham a integridade ambiental, reduzam os custos globais para o atingir e ajudem a aumentar a ambição climática, uma das prioridades da presidência britânica da COP. O artigo 6.0 continua a ser uma questão muito contestada pelos países, pelo risco associado à dupla contagem das derivadas reduzidas, já que os créditos de carbono podem ser interpretados apenas como "ar quente", por poderem não resultar em verdadeiras reduções, os governos precisam da Força-Tarefa sobre Aumento da Ambição na Redução Reduções Relacionado ao Clima. Os desacordos sobre este artigo ofuscaram a última COP, em Madrid, em 2019, e a presidência britânica quer evitar que se repita esse desalinhamento.

A "adaptação" estará em destaque como um dos quatro temas prioritários na agenda desta COP. O mundo já sente o efeito das mudanças e adaptar infraestruturas, modelos econômicos e comportamento é agora uma inevitabilidade. Neste vão treinamento um papel facilitador e trabalhar com o setor privado para integrar a adaptação e reforçar a resiliência na tomada de decisão. Apoiar as recomendações Financial Disclosures (TCFD) é promover a transparência e fornecer aos investidores e às agências de notação de crédito melhor informação sobre os riscos financeiros de origem climática, ajudando a canalizar o financiamento para investimentos mais sustentáveis.

Outro desafio, que representa igualmente uma expectativa, é das regras globais de metano- os EUA e a União Europeia anunciaram recentemente um compromisso conjunto para reduzir estas grátis em quase um terço na próxima década, com mais duas dúzias de países a subscreverem o compromisso. É revelador que alguns dos maiores emissores de metano do mundo, como a Rússia, China, Índia e a mudança de Brasil, ainda não elaborado paradigma no oacordo e espera-se que, durante o sistema energético requer o envolvimento e o esforço concertado de países, cidades, setor privado, academia e sociedade civil, as controle, sejam medidas para a redução.

Finalmente, os olhos também vão estar no fecho do carvão, esperando-se que países, estados, cidades, investidores e serviços públicos se comprometem a eliminar gradualmente até 2030 (para países desenvolvidos) ou 2040 (para países em desenvolvimento). O compromisso de não instalar novas centrais a carvão em encorajar os interessados a aderir apoiada por uma à Powering Past Coal Alliance (de qualquer parte do planeta e maior inovação tecnológica e reformas políticas relevantes qual a EDP é membro) é uma das soluções.

Um dos motores para o sucesso da COP26: as empresas

Pela primeira vez na história da COP, as empresas têm uma voz ativa nos compromissos. O posicionamento coletivo do setor empresarial é essencial, de forma a transmitir aos decisores e formuladores de políticas públicas e legislação a confiança necessária para desbloquearem as barreiras políticas existentes, para que as empresas possam acelerar as suas ações climáticas. A transição desempenha um papel fundamental para enfrentar os desafios globais e empresas como a EDP assumem este posicionamento com o desenvolvimento sustentável.

O nosso Plano Estratégico 2021-2025 tem metas claras e exigentes: uma delas é a neutralidade carbónica até 2030. Este nível de ambição de redução de isenção é aprovado pela iniciativa Alvo baseado na ciência (SBTI) como padrão alinhado com uma trajetória adequada definida pela ciência para conter o aumento da temperatura média global em 1,50C. Até 2025, a EDP deixará de ter carvão na origem da sua energia e, até 2030, 100% da nossa potência instalada será renovável. No setor das energias renováveis, um dos vetores fulcrais da COP deste ano, vamos acrescentar 4Gw por ano ao nosso portefólio e duplicaremos a nossa capacidade solar e eólica até 2025. Na parte social, igualmente importante, continua a investir no projeto de A2E (*Acesso to Energy*), em empresas promissoras, concentrando os nossos esforços, principalmente, na África Subsariana, e iremos cofinanciar acesso a projetos energéticos promovidos por ONGE privados.

Esta mudança de paradigma a que estamos a assistir no sistema energético, que se dirige para sociedades neutras em carbono, requer uma ação global com o envolvimento e esforço concertado de países, cidades, setor privado, academia sociedade civil, apoiada por uma maior inovação tecnológica e reformas políticas relevantes. Neste contexto, a nossa expectativa de participação na COP26 está em trabalhar perto das associações internacionais como o WBCSD, UN Global Compact, We Mean Business Coalition, SEforALL, entre outras que estão focadas na sustentabilidade.

Esta é a altura decisiva para criar laços de reforço positivo de uma nova ambição climática com políticas públicas sólidas e ambiciosas, incentivos de mercado e regulamentos que deem clareza e confiança às empresas para investirem decisivamente em produtos, serviços e soluções neutras em carbono. Só assim conseguiremos voltar a descer os (de)graus desta escalada.

(1) Artigo publicado no Publico. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2021/11/04/opiniao/opiniao/degraus-nao-queremos-subir-1983511>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

(2) *Miguel Setas é administrador do Grupo EDP.*